

Investigador da área da pobreza critica a política de combate ao coronavírus

«Como vamos na verdade superar os próximos anos?»

O especialista em direito internacional Philip Alston teme que, como consequência da crise do coronavírus, se dê início a uma nova era de medidas de poupança mais rigorosas. Aqui ele explica-nos por que motivo, para ele, esta é uma perspectiva míope.

Uma entrevista de [Jörg Schindler](#), Londres

29.05.2020, 00h23m



Em Caracas, as pessoas fazem fila para receber comida

Manaure Quintero/ REUTERS

SPIEGEL: Professor Alston, muitas pessoas acreditam que o [coronavírus](#) é algo que coloca todas as pessoas ao mesmo nível. É verdade?

Alston: Não vislumbro essa realidade em lado nenhum. É verdade que também os primeiros-ministros e os actores famosos podem ficar infectados, mas estatisticamente estes correm menos riscos do que outros. E se apanharem o vírus, têm claramente mais hipóteses de terem prioridade na assistência médica e no tratamento. Desde já com esta comparação básica se revela que esta não é, sem dúvida alguma, uma doença perante a qual estejamos todos em pé de igualdade. É uma doença que afecta sobretudo os pobres e as pessoas que estão na linha da frente e que são agora designadas eufemisticamente por «profissionais essenciais».



Sobre o entrevistado
Pierre-Philippe Marcou/ AFP

O australiano Philip Alston, de 70 anos, ensina Direito Internacional e Direitos Humanos na Faculdade de Direito da Universidade de Nova Iorque. De Junho de 2014 a Abril de 2020 foi relator especial da ONU para a pobreza extrema. No desempenho desta função, teceu frequentes e nuas críticas aos governos e instituições dos países industrializados. Em 2016, considerou que a recusa das Nações Unidas em assumir responsabilidade pelo surto de cólera no Haiti seis anos antes fora uma «vergonha». Após longas viagens de pesquisa pelos EUA e a Grã-Bretanha, encontrou palavras duras para a dimensão da pobreza e da desigualdade nos dois países. Acusou o governo de Londres de ter provocado «sistematicamente» a miséria de muitos.

SPIEGEL: Em muitos países, os enfermeiros, os empregados das caixas dos supermercados e os condutores de autocarro são agora celebrados como heróis. Acredita que as suas condições de vida irão melhorar quando a crise terminar?

Alston: Penso que, mais cedo ou mais tarde, vamos acordar e constatar que, não só foi feito desesperadamente pouco em prol de quem tem rendimentos baixos, como aliás a sua situação se irá agravar claramente.

SPIEGEL: Como chega a essa conclusão?

Alston: Veja por exemplo os Estados Unidos, o país onde vivo. A maior parte do dinheiro que o governo de [Donald Trump](#) disponibilizou até agora no combate à crise do coronavírus foi canalizado para os ricos, para os grandes grupos empresariais. Apesar de nos EUA se falar da importância de apoiar as pequenas empresas, muitas delas estão verdadeiramente em situação de emergência, mas por norma não estão entre os que têm fracos rendimentos ou que são pobres. Como é evidente, estas garantem postos de trabalho. Mas tirando este aspecto, neste momento faz-se incrivelmente pouco para abordar problemas mais profundos com que os verdadeiros pobres deparam.

SPIEGEL: Que problemas?

«Há sinais de alarme a indicar-nos que esta crise nos vai empurrar para uma situação de dificuldade sem igual.»

Alston: Inúmeros agregados familiares pobres já perderam o seu único ganha-pão. Nos Estados Unidos, vamos assistir a muitíssimas famílias sem recursos que já não conseguirão superar as dificuldades; e o sistema social actual é pavoroso. As pessoas afectadas continuarão sem acesso a cuidados de saúde minimamente razoáveis, a menos que alguém agora tomasse conta do assunto. «Há sinais de alarme mais do que suficientes a indicar-nos que esta crise nos vai empurrar para uma situação de dificuldade sem igual.» Contudo, tanto quanto consigo ver, não há nenhum planeamento a médio prazo. Tudo o que o

sector político fez e debateu até agora é uma ajuda puramente de curto prazo para conseguirmos sobreviver nas próximas semanas e meses. Mas então como vamos na verdade sobreviver nos próximos dois, três ou quatro anos?

SPIEGEL: Mas não será isso inevitável numa crise tão avassaladoramente disseminada como esta?

Alston: Poderá até ser. Ainda assim, devo realçar que as avultadas quantias de dinheiro que estão agora a ser gastas não serão aplicadas de modo a garantir uma ajuda duradoura. E um dia surgirá a questão do seu reembolso. O Fundo Monetário Internacional procura actualmente a proceder com sentido de compreensão e consideração. Mas isso será apenas temporário. O FMI já disse claramente que, mais cedo ou mais tarde, teremos de iniciar uma fase de consolidação financeira.

SPIEGEL: O que não é, na verdade, surpreendente.

«Vão dar início a uma nova era de brutais políticas de poupança — e o desfecho será trágico.»

Alston: Mas até agora não consigo vislumbrar em parte alguma que se esteja efectivamente a planear aumentar os impostos sobre o património ou sobre os grandes grupos empresariais. Não vejo ninguém a trabalhar no sentido de dar mais margem de manobra financeira às autoridades locais, para que possam ajudar a sua população, e sobretudo os pobres. Ao invés, os governos centrais e ministros das finanças voltarão simplesmente a dizer: «Muito bem, pessoal, os bons tempos já lá vão. Temos enormes buracos orçamentais para tapar.» E seguramente não irão buscar esse dinheiro aos ricos a quem o atiraram a rodos. Vão dar início a uma nova era de brutais políticas de poupança — e o desfecho será trágico.

SPIEGEL: O primeiro-ministro britânico [Boris Johnson](#) já anunciou que uma nova fase de austeridade «não fará seguramente parte» da sua resposta político-económica à crise do coronavírus.

Alston: A todos os problemas desta crise acresce precisamente ainda que, em países como o [Reino Unido](#) e os [Estados Unidos](#), temos líderes políticos cujos anúncios não se baseiam em factos científicos nem no conhecimento de especialistas. Não são, por isso, credíveis.

SPIEGEL: Que espera então que aconteça?

«Agora precisamos de planos a sério para a próxima catástrofe.»

Alston: No topo da agenda de todos os governos tem de estar actualmente a ideia de possibilitar a todos os cidadãos a capacidade de gerir a sua vida de forma suportável e adequada quando chegar a segunda ou a terceira vaga de Covid-19. Contudo, cada um de nós já deverá ter percebido entretanto claramente que, nesta crise, muito provavelmente não teremos de lidar com um só acontecimento isolado. Agora precisamos de planos a sério para a próxima catástrofe. Contudo, em vez disso, assistimos a anúncios que mudam de dia para dia e que claramente não assentam num plano político credível.

SPIEGEL: Na qualidade de relator especial da ONU para a pobreza extrema, viu por várias vezes e com os próprios olhos as consequências da política de austeridade. Em 2018, esteve no bairro londrino de Newham, actualmente uma das regiões da Europa mais duramente afectadas pelo coronavírus. Ficou surpreendido com o grau de pobreza a que aí assistiu?

Alston: Newham fica surpreendentemente perto do bairro financeiro de Londres. A câmara municipal local estava cheia de gente, sobretudo mulheres que contavam histórias chocantes sobre como foram violentamente afectadas pela febre de poupança que se seguiu à crise financeira de há dez anos. Estavam ali mulheres que caíram da pobreza para a prostituição, mães que já não sabiam o que fazer para alimentar os filhos. Ainda hoje vejo diante de mim os rostos daquelas mulheres.

SPIEGEL: Não tem um sabor amargo e irónico que o coronavírus tenha afectado a Grã-Bretanha precisamente poucos meses depois de Boris Johnson ter anunciado que a febre da poupança tinha passado à história?

Alston: Independentemente do que o primeiro-ministro tenha dito, mesmo antes da crise do coronavírus a política de austeridade no Reino Unido estava ainda longe de passar à história. Os cortes e intervenções desde 2010 foram abrangentes e profundos e não é possível compensá-los com novas medidas. Uma grande parte dos danos gerados pela política de poupança nunca mais conseguirá ser reparada.

SPIEGEL: Nem mesmo se o governo investisse muito dinheiro depois da crise?

Alston: As estruturas municipais foram estrondosamente destruídas. Livrarias, parques, clubes de jovens e muitas outras coisas necessárias à coesão social da sociedade inglesa foram vendidos. Às pessoas restaram apenas os danos que ficaram. E não existem até agora planos de reinstaurar pelo menos partes da infraestrutura destruída. Ao mesmo tempo, perdeu-se o espírito de solidariedade. Os cidadãos, tal como Margaret Thatcher teria desejado, contam agora verdadeiramente apenas consigo mesmos e têm de ver autonomamente em que posição se encontram.

No dia 31 de Dezembro, a China dirigiu-se pela primeira vez à Organização Mundial de Saúde (OMS). Na cidade de milhões de habitantes de Wuhan havia cada vez mais casos de uma estranha pneumonia. Entretanto, mais de seis milhões de pessoas em todo o mundo foram comprovadamente afectadas pela doença e a situação muda de dia para dia.

[Nesta página encontrará um panorama geral de todos os artigos da SPIEGEL sobre este tema.](#)

SPIEGEL: No seu relatório de então acusava o governo conservador britânico de ter cerceado a rede de amparo social por motivos ideológicos. Os *Tories* espumaram de fúria, classificaram o seu relatório de «dificilmente credível» e falavam da Grã-Bretanha como um dos locais mais felizes do mundo para se viver.

Alston: Foi uma situação cómica. Foi como entrar numa loja de chocolate e afirmar: «Não vejo uma só tablete de chocolate». E a resposta é esta: «Que perfeito disparate, a loja está cheia de bombons!». Quando expliquei que os pobres vivem em condições abomináveis e que a política de austeridade provocou danos maciços, a primeira-ministra de então, [Theresa May](#), respondeu que o país tinha naquele momento a maior taxa de emprego da sua história. O que até poderia ser verdade. Mas não diz nada sobre as pessoas que, apesar de trabalharem, continuam pobres e revelar-se-ia um argumento pouco convincente com a chegada da recessão seguinte.



Graffitis coronavírus num bairro de lata de Nairobi: «Medidas de apoio temporárias»

Thomas Mukoya/ REUTERS

SPIEGEL: Ainda assim, o governo britânico e outros reconheceram desta vez que milhões de pessoas cairiam numa situação de emergência no que toca à sua subsistência e criaram gigantescos planos de resgate. Não foi o que aconteceu na altura da crise financeira.

Alston: Sim, mas pense que se trata de medidas de apoio temporárias. Quando tudo isto passar, nada nem ninguém pode impedir os governos de voltar à velha estratégia — com uma camada que sustenta tudo, e outra que não paga verdadeiramente.

SPIEGEL: Ainda não falámos dos pobres nos países em vias de desenvolvimento e emergentes. Tem alguma perspectiva sobre como é actualmente a vida destas pessoas?

Alston: Nem sei por onde começar, já que o problema tem uma quantidade incrível de facetas. Critiquei duramente o confinamento rígido em países como a Índia, África do Sul e outros que tais que o decretaram porque foi implementado sem que fossem tomadas medidas adequadas a pensar nos pobres.

«Temos de pressupor que muitas, mesmo muitas pessoas nestes países irão simplesmente morrer de fome.»

Se forem pobres não têm reservas e também não têm possibilidade de se deslocar grandes distâncias para, de algum modo, conseguirem obter comida. Todavia, é frequente terem muitas bocas para alimentar. Numa situação normal, a família ou amigos acorrem a ajudar alguém que passe fome. Mas quem é pobre tem geralmente familiares e amigos que também são pobres.

Temos de pressupor que muitas, mesmo muitas pessoas nestes países irão simplesmente morrer de fome.

SPIEGEL: Consegue sequer estimar neste momento quão dramática é a situação nestes países?

Alston: Com precisão, não. Temos apenas uma imagem incompleta dos efeitos que medidas de confinamento mal pensadas produziram nas sociedades mais pobres. Os seus governos não têm interesse em fazer o registo estatístico desta realidade. E as organizações de assistência internacionais não estão neste momento em condições de agir localmente da forma habitual. O Programa Alimentar Mundial da ONU diz-nos que devemos contar com pelo menos 140 milhões de pessoas a sofrer de fome absoluta. Isso seria o dobro do número actual. Eu parto do princípio de que a situação será sem dúvida pior do que aquilo que conseguimos prever neste momento.

SPIEGEL: Os chamados países desenvolvidos fazem o suficiente para apoiar os países afectados na África, na Ásia e na América Latina?

Alston: Um perdão de dívida poderia ser uma medida chave para estas regiões. Mas os sinais que vemos até agora dos países do Norte são lastimáveis e desumanos.

SPIEGEL: Pensa que vamos assistir a uma nova crise de refugiados ou, melhor dizendo, a novas crises, em diversas partes do mundo?

Alston: Nos últimos tempos, a migração da América Central em direcção aos Estados Unidos praticamente estagnou. O coronavírus garantiu que cada vez menos pessoas se fazem à estrada, por saberem bem que estariam assim assumir um risco ainda maior do que antes. Longe de casa e por sua conta, estariam completamente desprotegidos perante a epidemia. Mas, para lá da crise, espreita já uma outra, ainda maior, de que praticamente nos esquecemos: as [alterações climáticas](#). Nos próximos anos só se vão agravar. E se vier a Covid-22 ou 23, mais cedo ou mais tarde as pessoas começarão a pôr-se em marcha, por não terem outra opção. Comparativamente, o dramático êxodo da Síria parecerá muito razoável.

SPIEGEL: Será exigir demais aos governos que lidem com mais do que uma crise fatal ao mesmo tempo?

Alston: Quer queiramos, quer não, as consequências das alterações climáticas baterão em breve novamente à nossa porta como grandes problemas que são. E, à semelhança da crise do coronavírus, serão desproporcionadamente mais duras para os pobres do que para os ricos.

SPIEGEL: Vislumbra alguma possibilidade de mudarmos o rumo das coisas?

Alston: Raras terão sido as ocasiões em que tivemos melhores condições para substituir o nosso debilitado sistema económico, que deixou tanta gente na mão, por um outro mais justo. O sistema antigo está, neste momento, praticamente fora de funcionamento. Se calhar é o último momento em que podemos reflectir sobre o que é realmente importante.

Fonte: https://www.spiegel.de/politik/ausland/corona-krise-wie-sollen-wir-eigentlich-ueber-die-naechsten-jahre-kommen-a-c3faf501-937c-44ab-aac8-df9899ffdd34?sara_ecid=nl_upd_1jtzCCTmxpVo9GAZr2b4X8GquyeAc9&nlid=rllbdrav

Pura Communications – Tradutora: Ana Pinto Mendes